

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

O ESTUDO DO SIGNIFICADO LÉXICO EM SEMÂNTICA SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVA



THE STUDY OF THE LEXIC MEANING IN SOCIO- HISTORICAL-COGNITIVE SEMANTICS

A. ARIADNE DOMINGUES ALMEIDA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

ELISÂNGELA SANTANA DOS SANTOS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 30/04/2019 • APROVADO EM 27/05/2019

Abstract

In the current article, we tried to discuss principles that guided the study of meaning as per the socio-historical-cognitive approach during the centuries. For this, in addition to presenting research ways in Semantics from this perspective, we propose a reflection on like the biological-psychic and socio-historical-cultural-political-ideological dimensions act in the pragmatic-semantic-lexical-discursive dimensions of language, affecting its respective semasiological and onomasiological networks, which can generate as much polysemy as relations of synonymy, antonyms, hyperonymy-hyponymy; this movement of language in the

different contexts can consequently cause conservation, change and variation of meanings of words in the becoming of time.

Resumo

No presente artigo, buscamos discorrer sobre princípios que nortearam o estudo do significado sob o enfoque sócio-histórico-cognitivo ao longo dos séculos. Para isso, além de apresentarmos caminhos de pesquisa em Semântica sob essa perspectiva, propomos uma reflexão sobre como as dimensões biológico-psíquica e sócio-histórico-cultural-político-ideológica atuam nas dimensões pragmático-semântico-lexical-discursivas da linguagem, afetando suas respectivas redes semasiológica e onomasiológica, o que pode gerar tanto polissemia quanto relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia-hiponímia; esse movimento da linguagem nos diferentes contextos pode ocasionar, por conseguinte, conservação, mudança e variação de sentidos das palavras no devir do tempo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Meaning. Change. Variation. Time. Socio-historical-cognitive semantics.

PALAVRAS CHAVE: Significado. Mudança. Variação. Tempo. Semântica Sócio-histórico-cognitiva.

Texto integral

PARA INTRODUZIR A QUESTÃO

Ao fazermos uma breve incursão pela história dos estudos sobre a linguagem, observamos que questões concernentes à significação léxica, incluindo a sua mudança e variação, interessaram a pesquisadores de variadas épocas e de diferentes sociedades. Podemos afirmar que estudiosos do passado deixaram importantes contribuições, ainda que dispersas em alguns de seus escritos que nos foram legados pelo tempo, sendo esses contributos valiosos para o desenvolvimento e consolidação da Semântica em perspectiva sócio-histórico-cognitiva, tal como a concebemos na contemporaneidade.

Então, ainda que certas questões linguístico-filosóficas, postas na agenda dos estudiosos da linguagem, tenham ganhado, com o passar dos séculos, novos matizes, sendo estudadas sob diferentes enfoques teóricos e perspectivas, fenômenos semânticos já haviam sido alvo de reflexões elaboradas na Antiguidade Clássica por pensadores greco-romanos, os quais deixaram suas marcas que, ainda hoje, são visíveis nos estudos semânticos.

Platão, em seus *Diálogos*, analisou etimologias, dedicou-se mais diretamente à origem da linguagem e à análise das relações entre as palavras e o seu conteúdo semântico. Sua abordagem filosófica acerca da denominação, compartilhada pelo

seu mestre Sócrates, fundamentou estudos semântico-lexicais, contribuindo, em alguma medida, para o desenvolvimento de uma teoria da significação voltada para o léxico (MATTOS E SILVA, 1996).

Já Aristóteles definiu a palavra como a menor unidade significativa da fala, estabelecendo uma distinção entre as palavras que mantêm o significado, mesmo quando isoladas, tais como os nomes e verbos, e as que possuem significado apenas quando estão em combinação com outras palavras, tais como preposições, artigos e conjunções. Ele referiu-se à multiplicidade de significados de um mesmo vocábulo, assim como o fez Demócrito, outro filósofo grego, e chamou atenção para a existência de palavras que podem ter mais de um sentido inter-relacionado (polissemia) e, inversamente, para a possibilidade de duas ou mais palavras ocorrerem com mesma pronúncia e/ou mesma grafia, porém com significados diferentes (homonímia). Na sua obra intitulada *Poética*, ele, também, discorreu sobre a teoria dos tropos, depois estudada pelos estóicos e por gramáticos de diferentes períodos, propondo uma classificação das metáforas, que repercutiu na tradição retórica, sendo, mais tarde, desenvolvida e aperfeiçoada por outros estudiosos, a exemplo de Quintiliano (ULMANN, 1964).

Além desses pensadores, Proclus interessou-se em discutir, no século V dessa era, por qual motivo palavras mudam de significado, na passagem do tempo. Esse filósofo neoplatônico merece destaque pelas observações que registrou sobre as mudanças semânticas, distinguindo alguns dos seus tipos básicos, como a mudança cultural, a metáfora, o alargamento e a restrição do significado, dentre outros, sendo visto, inclusive, como um dos precursores da Semântica em perspectiva histórica, conforme salienta Ullmann (1964).

Varrão, o primeiro gramático latino de que temos notícia e discípulo direto de gramáticos da escola de Alexandria, além de aplicar os conceitos da gramática grega à língua latina, interessou-se por etimologia, por morfologia, por sintaxe, assim como pensou sobre as definições de homonímia e sinonímia, expressando algumas opiniões sobre o desenvolvimento da língua, logo, sobre as mudanças linguísticas e sobre a significação (SILVA, 2006).

Já Cícero e Horácio, em seus textos, apresentaram reflexões sobre perdas e ganhos de sentido das palavras, portanto, também, legaram à posteridade ideias que contribuíram direta ou indiretamente para o fazer Semântica como hoje a fazemos.

Na Idade Média, nos séculos XII e XIII, floresceu a filosofia escolástica, resultado da integração da filosofia aristotélica ao pensamento cristão. As gramáticas escritas, nessa época, diferiam das anteriores, por serem gerais e escritas para fins teóricos, de modo que compartilhavam com os estóicos a ideia de ser a língua um instrumento de análise da realidade. No período medieval e, também, no Renascimento, o estudo da significação não foi esquecido, centrou-se na tripartição entre homonímia, polissemia e vaguidade, conforme ressalta Silva (2006).

Nos fins da Idade Média, entretanto, o interesse pela pragmática começou a despontar, estendendo-se ao século XVI, quando a reflexão linguística ampliou seu campo de observação e de análise empírica, privilegiando, embora sutilmente, o

uso linguístico, sem abandonar a abordagem do pensamento-língua. Porém, o interesse pelas relações e alterações de sentido, que inquietaram pensadores da Antiguidade e alguns dos seus sucessores, deu lugar ao surgimento de um número considerável de gramáticas baseadas na tradição greco-romana, a exemplo das obras de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540), consideradas as primeiras escritas em português, que pouco ou quase nada tratavam de aspectos relativos ao significado ou à mudança linguística (MATTOS E SILVA, 1996).

Nos séculos XVII e XVIII, estudiosos voltaram-se ao modelo especulativo filosófico medieval e as palavras foram classificadas, segundo critérios lógico, formal, funcional e semântico. Mas, no final do século XVIII e no decorrer do seguinte, produziram-se reflexões, feitas sob os parâmetros da ciência moderna, acerca das mudanças das línguas no eixo do tempo, em que podem ser incluídas as mudanças semânticas, nascendo, assim, a Linguística Histórica (FARACO, 2005). Nesse período, começamos a perceber uma tendência historicista na investigação do significado e, por conseguinte, um maior interesse em proceder-se à comparação das línguas e ao estabelecimento das famílias linguísticas, utilizando, para isso, o método comparativo, inicialmente, e, depois, o método histórico-comparativo. Ademais, observamos que a natureza psicológica do significado, também, passa a ser valorizada, o que posteriormente ficará por algum tempo esquecido.

A Semântica, enquanto área da ciência, nasce como um fruto desse pensamento historicista da intelectualidade dos Oitocentos, no seio da chamada Linguística Pré-estruturalista. Produto do seu tempo, trouxe, em seu bojo, a abordagem histórica, além da psicológica, enciclopédica e cultural, de modo que, nos escritos científicos introdutórios acerca do significado, Breal, Reisig – os primeiros semanticistas de que se tem conhecimento – e outros incluíram, na agenda da Linguística, questões atinentes ao desenvolvimento histórico da significação.

Com o adentrar do século XX, no entanto, o Estruturalismo e, depois também, o Gerativismo ofuscaram a Semântica, e, quando, lateralmente, desenvolveram-na, obliteraram a sua perspectiva histórica, gerando, no devir dos Novecentos, o seu esmaecimento e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos estudos a respeito da constituição do significado no tempo. Mas, apesar da ampla aceitação e da potente propagação dos pressupostos estruturalista e gerativista, houve, em concomitância ao tsunami formalista, resistências, de modo que nunca se deixou de fazer Semântica Histórica, embora periféricamente e, não poucas vezes, atrelada à tradição filológica, e, inclusive, algumas vezes, ligada às ideias do Estruturalismo, de Coseriu (1964).

No final dos anos 1970 e, em particular depois da década de 1980, com o advento de uma segunda onda cognitivista, gerada pela ruptura da primeira onda, constituída pelo Gerativismo, ocorreu a assunção do entendimento da inviabilidade do estudo linguístico que desconsiderasse a Semântica, assim como a historicidade da linguagem.

A Linguística Cognitiva desenvolveu-se, então, como uma vertente da Linguística que se contrapunha ao Gerativismo; assim sendo, deslocou o interesse

das pesquisas da sintaxe para a semântica, lançando um olhar semantocêntrico sobre a linguagem, entre outras rupturas. Se, por uma parte, rechaçou premissas do Gerativismo, por outra, mantendo-se mentalista como a Linguística Gerativa, retomou pressupostos do Pré-estruturalismo, como a perspectiva histórica para o tratamento dos fenômenos do sistema linguageiro, além de ter oferecido os seus próprios contributos, como a noção de realismo corpóreo, a fim de propor conhecimentos mais aproximados acerca do funcionamento desse sistema.

A visão corporificada da mente é tese central da Linguística Cognitiva – arquipélago constituído por ilhas teóricas, dentre as quais, a Semântica Sócio-histórico-cognitiva. Nessa perspectiva, tem-se uma compreensão experiencialista da cognição, sendo a experiência física individual e social crucial para o entendimento do mundo interior-exterior da nossa espécie. O modo como conceptualizamos-categorizamos é uma consequência inevitável da nossa biologia, conforme postulam Maturana e Varela (2001 [1984]). Assim sendo, recorreremos às nossas experiências para conceptualizarmos-categorizarmos e, para isto, mente-corpo/indivíduo-sociedade atuam inseparável e interdependentemente. Na Semântica Sócio-histórico-cognitiva, a inter-relação entre cognição, contexto sócio-histórico-cultural-político-ideológico e significado é posta em destaque, de sorte que, nessa abordagem da linguagem, o fenômeno da significação é pensado a partir de uma perspectiva holística ou, como pensa Capra (2006 [1996]), de uma ecologia profunda. Dito isto, na sequência, teceremos algumas considerações sobre a noção de significado no âmbito dessa vertente dos estudos semânticos e apresentaremos seus objetos de estudo e percursos metodológicos.

Como podemos ver, na trajetória da Semântica, ainda que o estudo constituição histórica do significado tenha sido, em alguns momentos, obliterado, houve, ao longo do tempo, pensadores que, em seus respectivos tempos, seguindo diferentes pressupostos teórico-metodológicos se colocaram a pensar como os significados são construídos no eixo temporal. Em vista disso, com o intuito de ampliar essa discussão, explanamos sobre os princípios que norteiam o estudo do significado léxico sob o enfoque sócio-histórico-cognitivo e buscamos discutir como o significado é elaborado, a partir dessa abordagem, apresentando caminhos de pesquisa nessa área do conhecimento, para propor que se reflita como a semântica de palavras se conserva, muda ou varia no devir do tempo e como as dimensões biológico-psíquica e sócio-histórico-cultural-político-ideológica atuam nas dimensões pragmático-semântico-lexical-discursivas da linguagem, ocasionando mudanças e variações em suas respectivas redes semasiológica e onomasiológica, de forma a gerar tanto polissemia quanto relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia-hiponímia etc. Para melhor ilustrar as nossas considerações, enfocamos a semântica de *banana*, *coxinha* e *mortadela*. E para dar conta das discussões propostas, além desta Introdução, este texto é constituído por uma seção, seguida pelas suas Considerações Finais, acrescida das Referências.

A abordagem cognitivista privilegia o estudo da interação entre a língua e as estruturas cognitivas, busca explicar como se constituem os significados das palavras e, não se limitando ao léxico, procura entender como se constrói a significação das construções. Então, é objetivo da Semântica Sócio-histórico-cognitiva discutir, dentre outras questões, como se estabelece a interdependência entre linguagem-cognição e como as pessoas conceptualizam-categorizam o mundo, ou seja, como o conhecimento enciclopédico humano e as experiências corpóreas, ideologias interferem na formulação de conceitos e, por conseguinte, na significação. Para isso, ultrapassa as fronteiras estabelecidas pela Linguística tradicional e adota um comportamento interdisciplinar, holístico/ecológico, integrando diferentes ciências, na tentativa, não só de descrever os fenômenos linguísticos, mas de compreender o que está subjacente à sua construção, à sua materialização.

Na perspectiva sócio-histórico-cognitiva, compreendemos que falamos e/ou escrevemos sobre a visão que construímos do mundo e não propriamente sobre o mundo, tal como dado independente de nós. Então, os conceitos gerados pela espécie humana acham-se inter-relacionados ao tempo, à cultura, à ideologia que os produzem e os recriam ou, até mesmo, às posições individuais que afloram no uso linguageiro. Assim sendo, qualquer significado é posicionado, já que, ao ser construído nas diferentes interações humanas, as perspectivas daqueles que o elaboram, no discurso, impõem-se.

A construção dos significados, desse modo, decorre de processos cognitivos (como atenção, percepção, memória, categorização etc.), sócio-interacionais e culturais dos quais não é possível dissociar-se. Dentro dessa proposta, o significado é visto como natural, experiencial e se constrói a partir das interações físicas, dos movimentos corpóreos e da relação estabelecida com o meio ambiente em que estamos inseridos.

Estudos sobre a significação, que nascem no bojo das ciências cognitivistas, mostram-nos que a nossa linguagem, bem como conceitos fundamentais sobre o que nos cerca estão intrinsecamente atrelados a construtos sócio-histórico-cultural-político-ideológicos que emergem de nossas experiências sensório-motoras e de percepções de eventos e ações que evidenciam a natureza corporificada, subjetiva e situada do significado linguístico, esquecida pelos formalistas, mas tão propalada pelos cognitivistas.

Ao retomar as palavras de Geeraerts (1995), Silva (2004) destaca três princípios fundamentais da Linguística Cognitiva que sintetizam a importância do significado para seus pensadores: a primazia da semântica na análise linguística, que decorre da própria perspectiva adotada, que considera a categorização a função básica da linguagem; a natureza enciclopédica do significado, que, em outras palavras, se refere à associação do significado linguístico ao conhecimento de mundo e, por último, a sua natureza perspectivista, uma vez que o sentido

conceptualizado não reflete objetivamente o mundo, podendo ser construído de diferentes maneiras ou perspectivas.

Em linhas gerais, diante desses princípios e das evidências que se manifestam na linguagem, podemos concluir que o significado não só é resultado da experiência individual corpórea, como também está pautado em nossas experiências e no uso de que fazemos da linguagem. Desse modo, a construção do significado não é um fenômeno pura ou predominantemente linguístico, mas, também, cognitivo, e os conceitos podem resultar de esquemas imagético-cinestésicos e de mecanismos cognitivos, de abstração, como a metáfora.

Então, ao estudarmos o significado em uma perspectiva sócio-histórico-cognitiva, admitimos a sua natureza conceptual, perceptual, dinâmica, flexível, enciclopédica e, portanto, histórica. Daí, a importância de realizarmos pesquisas em contextos reais de uso, levando em consideração, sobretudo, as especificidades sociais, culturais, políticas e ideológicas que o modelaram, modelam e modelarão na história, assim como os fatores cognitivos que contribuíram, contribuem e contribuirão para suas possíveis manutenções e flutuações semânticas.

Indiscutivelmente, acha-se, entre os objetos de estudo da Semântica Sócio-histórico-cognitiva, o fenômeno da mudança do significado ou, por outra perspectiva, os efeitos da passagem do tempo no significado, enfocando a não-permanência dos fatos da significação. Porém, também, é possível pensar sobre a mudança a partir da variação, considerando o tempo aparente, conforme pressupostos da Sociolinguística (LABOV, 1994) e, mais particularmente, da Sociolinguística Cognitiva, assim como é possível realizar um estudo semântico sócio-histórico-cognitivo sem considerar a mudança semântica, enfocando a historicidade do significado construído *on-line* pelas diferentes pessoas com as suas mentes corporificadas, nos contextos sócio-histórico-cultural-político-ideológicos, inclusive, sem se limitar as discussões à linguagem verbal, de sorte que, também, os textos multimodais podem ser objeto de pesquisa desse campo do saber, como vem demonstrando Almeida (no prelo b). Contudo, aqui, serão abordados, tão somente, os fenômenos do significado léxico; antes de enfocá-lo, porém, serão feitas algumas considerações sobre o que entendemos por linguagem nesse campo do saber.

No seio da Semântica Sócio-histórico-cognitiva, logo, da Linguística Cognitiva, a linguagem, conforme Fernández Jáen (2014), é compreendida como

[...] um produto de verbalização – ou, mais tecnicamente, de conceptualização – da realidade que se regula pelos mesmos sistemas neurológicos dos demais processos cognitivos e que se acha influenciada pela própria consciência corporal e pela pressão cultural do entorno, o que conduz necessariamente a teses de serem as línguas sistemas semióticos subjetivos e dinâmicos que estão mudando o tempo todo, visto que as motivações comunicativas dos falantes são intrinsecamente mutáveis¹ (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 94, tradução nossa).

A linguagem, então, vista como um fenômeno interconectado à biologia do ser humano e à sua vida sócio-cultural-político-ideológica, conhece, na sua história constituída no devir do tempo, necessariamente, mudanças e variações. Diante da sua natureza mutável, o(a) linguista cognitivo busca explicar como ocorrem as alterações e alternâncias do significado, assim como procura compreender como, diante da sua tendência à entropia, a linguagem pode manter seus usos. Assim, a mudança, a variação, mas, também, a manutenção do significado são pontos da pauta da agenda dos estudos em Semântica sócio-histórico-cognitiva.

O significado pode ser estudado, portanto, considerando um ponto do tempo, para promover reflexões sobre como a mudança atua na variação, assim como a variação atua na mudança, compreendendo que a mudança gera variação na dimensão léxico-semântica – p. ex., a criação de um sentido novo amplia a dimensão semasiológica de um item léxico e implica na sua dimensão onomasiológica, de modo que houve a mudança que gerou a variação, assim como a variação poderá levar a nova mudança, na semântica do léxico, p. ex., já existindo variação, resultante de uma mudança, um dos sentidos dessa rede poderá entrar em desuso, sendo obliterado.

Sincronia e diacronia são, então, perspectivas para o estudo do desenvolvimento da linguagem e as abordagens metodológicas que as separam, embora possam auxiliar o(a) pesquisador(a), podem, da mesma forma, camuflar as forças centrípetas e centrífugas dos seus usos cotidianos, por isso que, em Linguística Cognitiva, conseqüentemente, em Semântica Sócio-histórico-cognitiva, como observa Fernández Jaén (2012), não são estabelecidas diferenças nítidas entre sincronia e diacronia, preferindo-se pensar em pancronia, uma vez que os mecanismos que explicam as mudanças cristalizadas na linguagem são os mesmos que geram mutações efêmeras e cotidianas e, também, conforme pensamos, a própria variação.

A mudança e a variação ocorrem, por conseguinte, nas dimensões semasiológica e onomasiológica da linguagem; na primeira, acontece, quando uma expressão léxica, no seu uso, conhece, no tempo, a elaboração de novos significados, e, na segunda, quando uma expressão nova surge acoplada a um conceito novo ou sob nova perspectivação ou, ainda, quando outra expressão já existente passa a variar acionando um conceito diferente. No entanto, ao estabelecermos essa distinção entre semasiologia e onomasiologia, poderemos ofuscar a rede significativa que se acha circulando nos diferentes usos, feitos em distintos domínios discursivos, situados em variados espaços e tempos (BALDINGER, 1966). As duas perspectivas complementam-se, pois, apesar do estabelecimento dessa dicotomia, não ocorrem, no plano da significação, oposições binárias, mas antes redes e, a depender do contexto, um ou outro nó de uma rede semântica será colocado em foco, no momento da interação humana, no evento comunicativo entre duas ou mais pessoas.

Metáforas e metonímias são mecanismos que estão no âmago da geração das mudanças e das variações dos significados do léxico e os estudos semântico-sócio-histórico-cognitivos não se limitam apenas à identificação desses mecanismos, de modo que, indo além disso, procuram refletir sobre como essas ferramentas atuam na semântica do léxico ao longo tempo. Nesse sentido, observa Silva (2005, p. 126),

[...] uma coisa é identificar os possíveis mecanismos de mudança [...] e outra coisa é ver como é que esses mecanismos conduzem a mudanças nos hábitos de uma comunidade linguística, como é que as mudanças se propagam, e estudar, enfim, o processo da “mão invisível”, na brilhante caracterização de Keller (1994), característico de qualquer mudança linguística.

A mudança e a variação atrelam-se, assim, ao fato de o ser humano, conceptualizar-categorizar novas experiências cotidianas, a partir de outras já vividas, de modo a impor-lhes, por meio dos modelos cognitivos idealizados e culturais já elaborados, uma perspectiva, assim como interconectam-se à reconceptualização-recategorização dessas experiências vivenciadas, que, por sua parte, passam a ser compreendidas, através de uma nova perspectiva, diferente da acionada anteriormente, e, nesse processo de retroalimentação, são gerados novos sentidos, a partir dos padrões metafórico-metonímicos, estruturados por esquemas de imagem e frames.

Na conceptualização-categorização de novas experiências, os conceptualizadores-categorizadores criam expressões, antes inexistentes, a exemplo de *vomitação* e de *tuitação*, ou geram mudanças na semântica de expressões já existentes, como *mortadela*, 'partidário do Partido dos Trabalhadores', e *coxinha*, 'opositor do Partido dos Trabalhadores', gerando mudança e, também, variação pragmático-semântico-lexical-discursiva, criadora de polissemia, além de relações de hiperonímia-hiponímia e antonímia. Já no tocante à reconceptualização-recategorização de experiências antes vivenciadas, uma nova perspectivação pode criar mudança e variação, gerando polissemia e sinônimos, também antes inexistentes, ocasionando, da mesma forma, alterações e alternâncias nos comportamentos pragmático-semântico-lexical-discursivos, logo, linguístico-sócio-histórico-cultural-político-ideológicos, a exemplo de: *favela* ~ *comunidade* e *sair* ~ *vazar*, entre tantos outros casos.

Enfim, as mudanças e variações pragmático-semântico-lexicais-discursivas advêm, então, da conceptualização-categorização geradora e organizadora de novos conhecimentos elaborados pela humanidade, os quais são alcançados por meio do que já conhecemos, como aqui antes observado; assim, a espécie humana entende o mundo que a circunda e seu próprio mundo interior por meio de modelos cognitivos idealizados e culturais elaborados, usando mapeamentos metafóricos, metonímicos, estruturando as novas conceptualizações por meio de esquemas imagéticos, a partir dos frames acessados nas suas diferentes interações.

O saber gerado por uma conceptualização é, concomitantemente, agregado a uma categoria, por meio de um rearranjo categorial, de modo que conceptualizamos-categorizamos, a partir de outras conceptualizações-categorizações anteriores, já conhecidas, adquiridas e armazenadas na nossa memória de longo prazo e que são acessadas, para, a partir de diferentes enquadramentos das situações vivenciadas nas mais diferentes interações das quais participamos no nosso cotidiano, elaborar novos conhecimentos e novas organizações do que vivemos em distintos contextos sócio-histórico-cultural-

político-ideológicos. Assim sendo, o fenômeno de (re)conceptualização-(re)categorização inter-relaciona-se à mudança e à variação da linguagem.

Entre os objetos de estudo da Semântica Sócio-histórico-cognitiva, acham-se os casos de polissemia como a que ocorre na categoria *banana*. Essa variabilidade semântica é descrita por meio das paráfrases definitórias, no verbete *banana* do dicionário Houaiss (2019), que, por sua parte, traz os sentidos já convencionalizados para o lema; essa rede semasiológica é constituída, como todas dessa natureza, por distintos sentidos inter-relacionados por semelhança de família. A figura 1 apresenta a polissemia descrita nesse dicionário:

Figura 1 – Polissemia de Banana no Houaiss (2019)

banana (1562 cf. *Corom*)

princ. loc. etim.

substantivo feminino

1 *ANGIOS* fruto da bananeira, ger. oblongo e de polpa carnosa; figo-de-banana (*AÇR*), pacoba, pacova, pacová [Quando comestível, é um fruto anômalo, sem sementes (exceto se originário de fecundação cruzada), desenvolvido através de cultura, mais ou menos recurvado, com casca verde e, quando maduro, amarela, parda ou avermelhada, com polpa branco-amarelada ou amarela, pastosa, doce, aromática, esp. rica em amido e potássio.]

2 *p.met.*; *ANGIOS* m.q. **bananeira** (no sentido de 'designação comum', 'qualquer planta')

3 *p.ana.*(*da acp. 1*) ; *ANGIOS* qualquer fruto de forma semelhante à banana

4 *p.ana.*(*da acp. 1*) ; *infrm.* o pênis

5 *B*; *infrm.* gesto considerado obsceno e ofensivo que consiste ger. em apoiar a mão na dobra do outro braço, mantendo erguido, e de punho fechado, o antebraço que ficou livre <*dar uma b. para o público*>

6 *P* penteado feminino em que o cabelo é enrolado em uma espécie de ⁴coque vertical na parte de trás da cabeça, a partir da nuca

7 *ICT* m.q. **ubarana-rato** (*Albula vulpes*)

substantivo de dois gêneros *infrm., pej.*

8 (1727) indivíduo covarde; bananzola, banazola

9 pessoa sem iniciativa; bananzola, banazola

Fonte: Houaiss (2019)

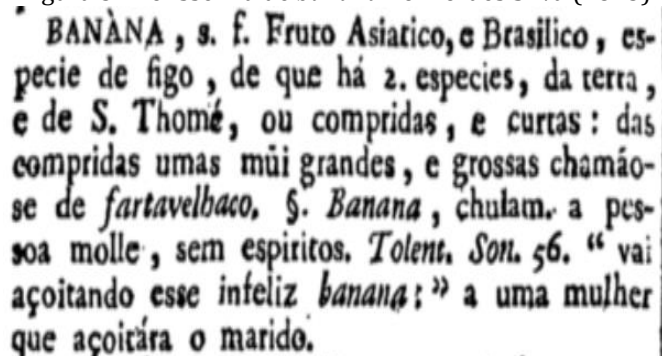
Como visto, diferentes são as acepções oferecidas ao/à consulente nesse verbete. No entanto, ao pesquisarmos um dicionário mais antigo em que usos semânticos do léxicos se encontrem, também, descritos, sistematizados e normativizados, constataremos que essa rede semasiológica se apresenta mais restrita, expressando, assim, uma polissemia menos produtiva, como é possível averiguar com a consulta ao vocabulário português-latino organizado por Bluteau (1712-1728):



Fonte: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/2/banana>>

A rede semasiológica oferecida no Bluteau (1712-1728), formada por número menor de sentidos, é ratificada pelo dicionário do português organizado por Moraes Silva (1813):

Figura 3 - Polissemia de *banana* no Moraes Silva (1813)



Fonte: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/2/banana>>

Tão somente, dois sentidos foram parafraseados, nesses dicionários mais antigos; isto não assegura a inexistência de outros usos semânticos distintos, na época da produção e publicação dessas obras lexicográficas, pois esses, caso existissem, poderiam não ser convencionalizados e propagados ao ponto de serem chancelados pela tradição dicionarística, ou, de fato, ainda, não teriam sido criados pela imaginação humana e, por isso mesmo, não foram documentados nessas obras (apenas um estudo, a partir de corpora constituídos por textos autênticos que circulassem na época dessas obras, poderia confirmar ou não uma ou outra dentre essas hipóteses).

Dos primeiros dicionários a documentarem os usos pragmático-semântico-lexicais-discursivos atribuídos ao lema *banana* até os dias atuais, como é possível constatar pela comparação dos verbetes antes apresentados, ocorreu uma mudança produtora de novos usos que impactou na variação dos sentidos expressos nessas obras lexicográficas mais atuais, como o Houaiss (2019). Assim, é possível compreendermos que, na dimensão semântico-lexical, ocorre mudança e, em decorrência da mutação, será gerada a variação que, no caminhar da história da linguagem, poderá ou não conhecer nova mudança, conforme o princípio do circuito recursivo da complexidade demonstrado por Morin (2009 [1999]).

Os dicionários, apesar de descreverem, sistematizarem, normativizarem os usos pragmático-semântico-lexicais-discursivos e de exporem, como aqui ficou demonstrado, os resultados dos processos de (re)conceptualização-(re)categorização, não nos revelam como se deu esse processo que culminou na polissemia que apresentam. Então, o(a) semanticista cognitivista procura explicar como processos metafóricos e metonímicos geraram-na, assim como busca explicar como esquemas de imagem e frames inter-relacionam-se na sua criação. Isto, porque se considera que

a polissemia, entendida como o resultado – perceptível em um estágio sincrônico concreto – da evolução no tempo de uma palavra a partir de sucessivas expansões conceptuais, se converte em um dos principais objetos de estudo da semântica cognitiva. Os linguistas cognitivos veem na polissemia de qualquer palavra um reflexo direto de como funciona o sistema cognitivo humano, dado que o desenvolvimento de múltiplos significados em torno de um núcleo semântico mostra processos de seleção metafórica e metonímica que são gestados, em última instância, pelo cérebro e pela consciência corporificada que este regula (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 94, tradução nossa²).

Para alcançar conhecimentos mais aproximados sobre como acontecem as mudanças e as variações semânticas geradoras de polissemia, na dimensão semasiológica, o(a) semanticista sócio-histórico-cognitivo tenta apreender o processo de mudança que culminará em variação na rede semasiológica de uma palavra e, ainda, como a variação poderá resultar em outras mudanças.

Também, se acham, entre seus objetos de estudo, a mudança e a variação no âmbito da dimensão onomasiológica da linguagem, a exemplo do que acontece com os itens léxicos *mortadela* e *coxinha*, já que conheceram mutações em seus usos que os levaram a alternâncias semânticas geradas pela imaginação humana que atua no fenômeno da reconceptualização-recategorização da realidade que circunda os/as conceptualizadores/as-categorizadores/as brasileiros/as, no presente momento da história do país.

Há alguns anos, se perguntássemos por alimentos que se comem no Brasil, poderíamos, sem maiores dificuldades, obter como respostas *coxinha* e *mortadela*, de modo que estariam esses nomes funcionando como co-hipônimos entre si e como hipônimos do hiperônimo *alimento*. Hoje, porém, essas expressões

linguísticas acham-se em variação e, por isso, podem ser acionadas, também, para que seja feita referência a pessoas que, respectivamente, se colocam contra e a favor do Partido dos Trabalhadores (PT), de modo que, em alguns contextos interacionais, não serão mais usadas como membros da rede semântico-léxica dos *alimentos*, mas como parte de outra rede semântico-léxica, achando-se, inclusive, em relação de oposição, funcionando como antônimos, já que fazem referência a quem é contrário ao PT (*coxinha*) ou simpatizante desse partido político (*mortadela*).

Esses últimos usos podem ser facilmente verificáveis, como demonstra qualquer busca rápida ao *Google*. Ao proceder à procura, prontamente, identificamos vários registros de *coxinha* e de *mortadela*, na rede mundial de computadores, a exemplo da documentação desses itens léxicos no título de uma publicação do *Brasil247*: “[Coxinha e mortadela, direita ou esquerda?](#)”³: “COXINHA VS MORTADELA. Conheça a origem dos quitutes que dividiram o Brasil — e como viraram símbolos políticos”⁴. Apesar dos usos corriqueiros e amplamente propagados no país, logo, no português do Brasil, o novo sentido criado para a expressão *mortadela*, ainda, não encontrou chancela, no dicionário Houaiss (2019), conforme demonstra a figura 4:

Figura 4 – Verbete *mortadela* no Houaiss (2019)

mortadela (1873 cf. DV)

princ. etim.

substantivo feminino CUL

grande embutido defumado e aromatizado com alho e pimenta-do-reino, feito de carne de boi e de porco e gordura

Fonte: Houaiss (2019)

Inicialmente, poderíamos pensar que a não dicionarização do sentido se devesse ao fato de o uso ser recente e, talvez, por isso interpretado como algo passageiro que não se cristalizará na linguagem. Contudo, a consulta ao verbete *coxinha* do mesmo dicionário (HOUAISS, 2019) demonstrou que seu novo sentido ganhou uma paráfrase definitiva nessa obra lexicográfica, diferentemente do que ocorreu com aquele gerado para *mortadela*, como é possível averiguar através da figura 5:

coxinha

princ.

loc.

etim.

substantivo feminino

- 1 ALIM; *B* salgadinho em forma de coxa de galinha feito de carne de frango desfiada, panada e frita
- 2 SP; *infrm., pej.* pessoa que se veste e se porta de modo convencional e que *ger.* frequenta os lugares da moda
- 2.1 (2016) *p.ext.; B; infrm., pej.* denominação atribuída pelos simpatizantes do Partido dos Trabalhadores (P.T.) aos seus opositores
- 3 FUTB; *P; infrm.* caneta (no sentido de 'finta')

Fonte: Houaiss (2019)

Com esses exemplos, pudemos concluir que nem todos os usos semântico-lexicais ganham espaços em dicionários, mas isto não quer dizer que não sejam amplamente utilizados e que não se propaguem, paulatinamente, entre os falantes e, também, escreventes do português, assim como não quer dizer que se perpetuarão na nossa linguagem. Não podemos explicitar qual razão que, de fato, explica ausências como essas em obras lexicográficas, ainda que possamos listar possíveis motivos, a exemplo da inexistência do sentido nos *corpora* utilizados para confecção dessas obras e, ainda, do assujeitamento ideológico que pode levar ao silenciamento de um sentido e/ou de uma palavra em um dicionário, contudo, não podemos afirmar o que aconteceu nos casos em tela.

Esses processos de mudança e de variação semântico-lexicais compreendem simultaneamente as dimensões semasiológica e onomasiológica. Assim sendo, a categoria *banana* é constituída por diferentes sentidos e, por isso mesmo, cada sentido dessa rede semasiológica se conectará a uma categoria onomasiológica distinta, nos diferentes contextos interacionais; então, se encontrará em relação de hiponímia, com os hiperônimos *fruto, planta, gesto e penteado*, conforme definições antes apresentadas (HOUAISS, 2019), e de sinonímia, com *pênis, ubarana-rato, bananzola, banazola*, conforme acepções, anteriormente, expostas, também coletadas no mesmo dicionário (HOUAISS, 2019).

Algo bem parecido acontece com as relações semântico-lexicais elaboradas para as expressões *coxinha* e *mortadela*, que, serão, respectivamente, compreendidas como membros de distintas categorias onomasiológicas, quando um ou outro, entre os seus sentidos, forem requeridos de sua rede semasiológica, de modo que, se acionado o sentido *salgado* e *embutido*, respectivamente, serão compreendidos como elementos da categoria *alimento*, estabelecendo uma relação de hiponímia-hiperonímia. Mas se forem selecionados os sentidos, respectivamente, opositor e apoiador do PT serão vistos como membros de outra categoria, achando-se em relação de antonímia. Desse modo, além de hiperonímia-hiponímia, nesse caso, a polissemia teve, como consequência, a variação e geração de uma relação de oposição.

Além disso, ocorre a manutenção dos sentidos antes existentes, o que demonstra a estabilidade instável dos sistemas pragmático-semântico-lexical-

discursivo do sistema linguageiro. Diante dessas e de tantas outras manutenções, mudanças e variações, algumas questões, entre outras, se colocam ao(à) semanticista sócio-histórico-cognitivo: Como é possível a conservação de sentidos, se a linguagem tende à entropia? Como os mecanismos cognitivos – metáforas, metonímias, esquemas de imagem, frames – atuam nessas mudanças e variações do significado léxico? Como esses mecanismos cognitivos atrelam-se a questões sociais, culturais, políticas e ideológicas que implicam na criação, uso e propagação dessas mudanças e variações? Como mudam as categorias semasiológicas e onomasiológicas com o andar do tempo? Como essas categorias se inter-relacionam?

Para responder essas e outras questões, pensamos ser necessário que o(a) pesquisador(a) reflita também sobre o percurso metodológico a ser adotado, isto porque a metodologia implicará diretamente nos resultados a serem alcançados. Diante disso, esboçaremos, na sequência, possíveis caminhos a serem percorridos na elaboração de estudos semânticos-lexicais em perspectiva sócio-histórico-cognitiva.

Depois de tratar dos objetos de estudos da Semântica Sócio-histórico-cognitiva, passamos, aqui, a tecer algumas considerações sobre questões de natureza metodológica, o que fazemos, inicialmente, em concordância com Sousa (2006), por pensarmos que as pesquisas em história da linguagem são feitas a partir daquilo que o tempo deixou e não do que aconteceu; os estudos se desenvolvem, então, na dimensão do conhecimento e não na do acontecimento. Assim sendo, uma reconstituição histórica não é como uma reprodução dos fatos, mas uma recomposição de narrativas.

E ainda conforme observa Sousa (2006, p.29),

Na reflexão histórica, há que tomar em conta que a multiplicidade dos planos temporais da dinâmica dos acontecimentos não são recuperáveis no plano temporal do conhecimento. Nesse ponto estamos sujeitos ao veneno das “reconstituições do passado”: a ilusão da recomposição, quando passamos a pensar que as etapas tais como registradas nos testemunhos do passado são na verdade as próprias etapas do passado. Como, na reconstituição, estamos abordando linearmente os fenômenos (estamos em um ponto atual do eixo do tempo, olhando retroativamente para um ponto anterior), confundimos essa linearidade da nossa observação com uma linearidade dos acontecimentos. O risco de uma abordagem não-crítica deste problema é terminar atribuindo aos fatos narrados uma linearidade que é, na verdade, atributo da narrativa dos fatos. (SOUSA, 2006, p. 29).

Além disso, mesmo que o objeto teórico da Linguística seja essencialmente a fala, não há a menor possibilidade de acesso direto à fala de períodos mais recuados e nem mesmo hoje com os recursos tecnológicos de gravação, visto que não há como gravar alguém sem o seu consentimento, obviamente, por questões éticas, assim toda e qualquer gravação estará embebida de artificialidade. Nos

casos de períodos anteriores às gravações, a situação será ainda mais distante da fala, pois não podemos dizer que a escrita a reflete diretamente. Afinal, "nos quadros em que o objeto teórico se localiza na língua falada, a perspectiva documental envolve um problema metodológico importante: como depreender a história da língua falada com base nos registros da língua escrita". (SOUSA, 2006, p. 26).

No tocante ao material textual usado para a produção de pesquisas, o trabalho em Semântica Sócio-histórico-cognitiva é feito com usos autênticos da linguagem que circulam nas diferentes esferas sociais, usos, digamos, reais, de sorte que não são preferencialmente usadas criações elaboradas pela intuição do(a) pesquisador(a), ainda que essas não devam ser desprezadas e que possuam seu valor. Essa escolha conduz o(a) pesquisador(a) ao encontro de problematizações atinentes aos textos que constituirão a fonte das pesquisas a serem empreendidas; isto obviamente considerando que esses estudos do passado são realizados, basicamente, através do legado da tradição escrita.

Sendo os escritos a fonte para as reflexões teóricas e metodológicas, se faz necessário considerar o uso de textos editados criticamente. Isso o(a) leva à reflexão sobre a presença do(a) editor(a) no texto, o que tem diferentes implicações, conforme indicado por Almeida (no prelo, a). Ao olharmos para um texto dos últimos séculos, não teremos maiores dificuldades para compreendê-lo, porém essa situação tende a mudar, quando nos debruçamos sobre os textos mais recuados no tempo, de modo que precisamos dialogar com a Filologia, a Paleografia, a Codicologia para nos ajudarem na construção e reconstrução do conhecimento.

Para além disso, recorrer à Linguística de Corpus é, também, uma alternativa, uma vez que suas contribuições são várias para os estudos linguísticos e, mais especificamente, para a investigação semântica do léxico. Os *corpora* eletrônicos têm sido aliados dos estudos linguísticos, porque disponibilizam para o(a) pesquisador(a), por meio de programas computacionais ou plataformas digitais, textos de diferentes datações editados e com acesso, na maioria das vezes, gratuito. Há vários recursos, que vão desde a compilação de textos para uma simples consulta até a existência de programas de computadores de baixa, média e alta complexidade, que possibilitam a contagem e o estudo de dados, por exemplo.

Para os estudos semânticos-lexicais, a Linguística de Corpus presta um serviço, não apenas para averiguação de textos contemporâneos, como também de textos de outras sincronias, que, facilmente, só se tornaram acessíveis a nós, pesquisadores(as), porque foram armazenadas em bancos digitais. Entretanto, se, por um lado, sabemos que o estudo de corpus é de relevância para os estudos linguísticos e sua acessibilidade e consulta tornaram-se aliados dos(as) linguistas; por outro lado, sabemos que a constituição desses *corpora* não é um empreendimento fácil, pois envolve não apenas o domínio do manuseio de ferramentas específicas da área de processamento de dados e das ciências da computação, demandando a formação de equipes interdisciplinares de trabalho, como também a captação de recursos financeiros para sua elaboração, o que, em parte, pode dificultar a geração desses *corpora*.

Hoje, o trabalho com a semântica-lexical-sócio-histórica de cunho cognitivo teria dificuldade de elaborar pesquisas de cunho quantitativo sem a Linguística de Corpus, visto que o modelo baseado no uso e o estudo interpretativo, envolvendo os aspectos quantitativos dos fenômenos do significado lexical a partir de textos, são pautados, quase que imprescindivelmente, em corpus digitalizado.

Por outro lado, a pesquisa em perspectiva sócio-histórico-cognitiva, em vez de propor pensar os fenômenos semântico-lexicais pelo viés da quantificação e os problemas postos por essa abordagem, pode, também, priorizar a perspectiva qualitativa no estudo desses fenômenos; isto pode ser feito, entre outros possíveis caminhos, seguindo a Teoria dos Fractais e a Técnica da Saturação (SANTANA, 2019). Assim, podemos focar os padrões de organização próprios de um fenômeno, objeto de estudo. Isto considerando que, na linguagem, assim como na natureza, há características comuns, há semelhanças entre as partes e o todo, e o corpus como produto da linguagem pode ser concebido como um fractal⁵. Então, tomando os textos a partir dos quais se podem acessar a linguagem e os padrões cognitivos dos quais emergem os textos, poderemos acessar ao padrão de organização cognitivo do qual a linguagem é a ponta do *iceberg* e, assim, poderemos pôr em discussão questões que, tão somente, a abordagem qualitativa, poderá viabilizar (ALMEIDA, no prelo a).

Os padrões característicos de um fenômeno semântico, identificáveis em corpus, acham-se repetidamente em escalas descendentes, por conseguinte, os padrões de organização desse fenômeno se apresentarão quer em *corpora*, quer em corpus, isto considerando que o todo está inscrito na parte e a parte é uma réplica desse todo, não sendo o todo em si mesmo.

Então, o corpus, a partir do qual podemos elaborar as nossas construções teóricas acerca dos fenômenos semânticos-lexicais, é autossimilar e independente, com complexidade infinita que conserva, em qualquer tamanho, os padrões de organização do sistema languageiro, por conseguinte, dos sistemas pragmático-semântico-léxico-discursivo. Logo, podemos buscar os padrões de organização desses fenômenos e, assim, poderemos alcançar compreensões mais específicas que a interpretação a partir da quantificação não nos possibilita atingir, como demonstra Almeida (2019, no prelo a).

Em síntese, a Semântica Sócio-histórico-cognitiva faz uma abordagem histórico-comparativa dos usos semânticos, agregando como a cognição atua nesses usos, de modo a oferecer uma visão ecológica da constituição do significado ao longo do tempo. Posto isto, passamos a apresentar as últimas palavras que constituem este texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face das discussões antes expostas, entendemos que o estudo do significado em perspectiva sócio-histórico-cognitiva leva em conta não apenas os resultados de mudanças e variações ocorridas no fluxo do tempo, uma vez que busca, também, compreender como funcionam os mecanismos que conduzem

essas mutações e como alguns sentidos variantes desaparecem, outros conservam-se e outros modificam-se, propagando-se, no decorrer da história da linguagem.

Tendo em vista essa concepção, consideramos necessário abordar o significado em suas diferentes dimensões, como a polissêmica, a sinonímica, a antonímica, a hiperonímica e a hiponímica, identificadas e discutidas na proposta teórico-metodológica aqui exposta, a partir da discussão ancorada pelos verbetes *banana*, *coxinha* e *mortadela*; sendo essa proposta concebida como uma conjunção simbiótica, isto é, como uma interação de distintas dimensões que constituem as redes dos significados léxicos da linguagem, e que procura deixar de lado a análise das suas partes constituintes, vendo-as, antes, como um todo que é, ao mesmo tempo, mais e menos do que a soma das suas partes.

Diante disso, a história de uma rede de sentidos polissêmica, por exemplo, não será a mera soma dos seus sentidos, em diferentes sincronias constituindo a sua diacronia, assim como a conceptualização-categorização de algo ou de alguém ou, ainda, de um acontecimento não será uma simples soma de partes, de suas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas no devir histórico, pois tal como defende Boff (2017, p. 52), “tudo está em relação com tudo”, isto porque, assim como ocorre com os seres, com as células, com o ecossistema, com o universo, há uma rede que interconecta tudo que está na teia da vida, bem como os sentidos que se acham em uma teia de relações e interconexões, formando o complexo da linguagem, ou seja, um tecido junto da linguagem, uma sistema de inter-retrorelações.

Notas

¹ Nas palavras do autor: [...] un producto de verbalización – o, más técnicamente, de conceptualización – de la realidad que se regula con los mismos sistemas neurológicos que el resto de procesos cognoscitivos y que está influido por la propia conciencia corporal y por la presión cultural del entorno conduce necesariamente a la tesis de que las lenguas son sistemas semióticos subjetivos y dinámicos que están cambiando todo el tiempo, puesto que las motivaciones comunicativas de los hablantes son intrínsecamente mudables (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 94).

² Nas palavras do autor: la polisemia, entendida como el resultado – perceptible en un estadio sincrónico concreto – de la evolución en el tiempo de una palabra a partir de sucesivas expansiones conceptuales, se convierte en uno de los principales objetos de estudio de la semántica cognitiva. Los lingüistas cognitivos ven en la polisemia de cualquier palabra un reflejo directo de cómo funciona el sistema cognitivo humano, dado que el desarrollo de múltiples significados alrededor de un núcleo semántico muestra procesos de selección metafórica y metonímica que son gestionados, en última instancia, por el cerebro y por la conciencia corporeizada que este regula (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 94).

³ Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/artigos/224918/Coxinha-e-mortadela-direita-ou-esquerda.htm>>. Acesso em: 20.03.2019. Nesse título, esses itens parecem funcionar como sinônimos de direita e esquerda.

⁴ Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/coxinha-vs-mortadela.phtml>>. Acesso em: 20.03.2019.

⁵ Os padrões característicos dos fractais são, repetidamente, encontrados em escala descendente, de sorte que, em qualquer escala, as suas partes, na forma, são semelhantes ao todo; então, em todos os níveis de escala, a forma do todo é semelhante a si mesma (CAPRA; LUISI, 2014); esta auto-similaridade pode ser vista em diferentes coisas da natureza, como no brócolis que, se tiver cortado, uma parte do seu todo, essa parte, que resulta desse corte, será parecida como o todo do qual fazia parte, e assim sucessivamente, caso novos cortes sejam efetuados, já que cada uma de suas partes está assemelhada ao seu todo. A noção de fractal, então, implica a ideia de autossemelhança, logo, um fractal é um objeto geométrico que, em qualquer distância de visão, não perderá sua estrutura e está presente em diversas formas da natureza. Assim sendo, um objeto é autossemelhante se tiver, em qualquer escala, o mesmo aspecto. No entanto, as propriedades fractais e autossemelhanças na natureza são aproximadas, então, auto-semelhança exata é uma abstração da matemática. Os fractais, além de autossemelhantes e irregulares, possuem complexidade infinita, logo, um fractal não chegará a uma imagem final, pois essa poderá conhecer ampliações infinitamente, portanto, um fractal não será completamente representado, mesmo se ampliado, pois haverá reentrâncias e saliências que serão, ainda, menores (ALMEIDA, no prelo a).

Referências

ALMEIDA, A. A. D. A tessitura do conhecimento: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. **Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (IX SEF)**, Salvador-BA, no prelo-a.

ALMEIDA, A. A. D. **A semântica sócio-histórico-cognitiva**: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. No prelo-b.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia, 1966. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265/2992>>. Acesso em: 10.04.2019.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 20.04.2019.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CAPRA, F. (2006 [1996]). **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. Trad. M. T. Eicheberg e N. R. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

COSERIU, E. **Pour une sémantique diachronique structurale**. Travaux de Linguistique et de Littérature, 2, 1, p. 139-86, 1964.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Na Ponta da Língua; v. 12).

FERNÁNDEZ JAÉN, J. **Aspectos cognitivos y construccionales de la evolución semántica del verbo tocar**, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/ada_d/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wek-yb3d8bbwe/TempState/Downloads/Dialnet-AspectosCognitivosYConstruccionesDeLaEvolucionSema-4942145%20(1).pdf>. Acesso em: 30.01.2019.

FERNÁNDEZ JAÉN, J. **Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del español**. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/26481/1/Tesis_Jorge_Fernandez_Jae_n.pdf>. Acesso em: 01.04.2019.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001 (1984).

MATTOS E SILVA, R.V. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009 (1999).

SANTANA, N. M. O. **Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX**. 2010 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2019.

SILVA, A. M. **Dicionário da língua portuguesa** - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 20.04.2019.

SILVA, A. S. da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística, **Revista Portuguesa de Humanidades**, 1: 59 – 101, 1997. Disponível em: <<http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%EDstica%20Cognitiva.pdf>>. Acesso em: 01.02.2019.

SILVA, A. S. da. Linguagem, cultura e cognição, ou a lingüística cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da.; TORRES, Amadeu; GOLÇALVES, Miguel (Org.). **Linguagem, cultura e cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva**. v. 4. Coimbra: Almedina, 2004.

SILVA, A. S. da. **Palavras e conceitos no tempo: para uma onomasiologia diacrônica e cognitiva do Português**, 2005. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/323117157> Palavras e conceitos no tempo Para uma onomasiologia diacronica e cognitiva do Portugues>. Acesso em: 24.07.2018.

SILVA, A. S. da. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUSA, M. C. P de. **Linguística Histórica**, 2006. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/b/b8/PAIXAODESOUZA_MC-2006a.pdf>. Acesso em: 20.03.2019.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Para citar este artigo

ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 136-157.

As Autoras

A. Ariadne Domingues Almeida: É doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, realizou estágio pós-doutoral em Linguística (UNEB-PNPD-CAPES), tratando do fenômeno da categorização humana sob a ótica da Linguística Cognitiva. É Professora Associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, atuando na sua Graduação em Letras e no seu Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Coordena o Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), associado ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). Integrou o PARFOR e o PROESP. Foi parecerista e assessora do PNLD-MEC/FNDE. Dedicar-se aos seguintes temas: sistemas adaptativos complexos, categorização, conceptualização, metáforas, metonímias, multimodalidade e história do sistema conceptual. Organizou coletâneas e escreveu artigos que constam de livros e periódicos. Orienta estudos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Elisangela Santana dos Santos: Possui Graduação em Letras (1995), Especialização em Língua e Literatura Vernáculas (1999), Mestrado em Letras e Linguística (2003) e Doutorado em Letras e Linguística (2011) pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, tendo realizado estudos na Universidade Católica Portuguesa (2010), por meio do Programa de Estágio de Doutorado no Exterior, viabilizado pela CAPES. É Professora Titular do curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, onde também é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Atuou como professora do Ensino Fundamental e Médio, nas redes municipal, estadual e privada. Ministrou cursos de especialização e de capacitação em Letras para professores dos Níveis Fundamental e Médio, com ênfase para o ensino de teoria e prática de produção textual, ensino de crítica

textual e história da língua portuguesa. Integrou programas direcionados à formação de professores da Educação Básica e para o livro didático. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre história da língua portuguesa, semântica cognitiva, polissemia, léxico, letramentos e livros didáticos.